

## **Iconoclastia, Luto e Política: Um Contraste Entre as Teorias de Judith Butler e Jacques Rancière Acerca do Caso Marielle Franco<sup>1</sup>**

Francielle Czarneski<sup>2</sup>  
Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, PR

### **RESUMO**

O estudo examina o luto político sob as óticas de Butler e Rancière, usando Marielle Franco como estudo de caso. Butler sugere que o luto é um ato político desafiador, enquanto Rancière destaca a política como resultado do confronto entre diferentes ordens. A morte de Marielle revela a interação entre pesar individual e coletivo, refletindo um fenômeno político. Sua resistência enfrenta desafios, evidenciando a luta entre ordens, enquanto a iconoclastia mostra desentendimento. Ao incorporar essas teorias, revela-se a complexidade das dinâmicas sociais relacionadas ao luto por figuras públicas, como Marielle Franco, explorando como a sociedade negocia a morte dessas personalidades.

**PALAVRAS-CHAVE:** Luto, política, Marielle Franco.

### **INTRODUÇÃO**

Este trabalho explora a relação entre luto e política, com base nas teorias de Judith Butler (2015, 2020, 2022) e Jacques Rancière (2005, 2018), aplicadas ao caso de Marielle Franco. Butler (2015, 2020, 2022) desafia a visão convencional do luto como um fenômeno privado, argumentando que pode ser um ato político disruptivo. Rancière (2018) por sua vez, analisa a política como resultado do desentendimento entre a ordem policial e a ordem igualitária, e esta análise é aplicada ao luto para compreender como as normas sociais influenciam as expressões públicas de pesar. O caso de Marielle Franco ilustra essas teorias, com manifestações de luto marcadas tanto por homenagens quanto por atos de vandalismo. A análise dessas perspectivas visa aprofundar nossa compreensão do luto como fenômeno político, permitindo uma reflexão crítica sobre suas implicações nas dinâmicas de poder contemporâneas.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Estudos Culturais e Identidades, evento integrante da programação do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 13 a 15 de junho de 2024.

<sup>2</sup> Mestranda em Comunicação e Linguagens pelo PPGCom-UTP – Universidade Tuiuti do Paraná, email: [fran.czarneski@hotmail.com](mailto:fran.czarneski@hotmail.com).

O método da pesquisa envolveu uma abordagem multidisciplinar, combinando análise teórica e estudo de caso. Primeiramente, foi realizada uma revisão da literatura sobre as teorias de Judith Butler (2015, 2020, 2022) e Jacques Rancière (2005, 2018), relacionadas ao luto e à política, juntamente com notícias sobre manifestações de luto à Marielle Franco bem como atos de iconoclastia à sua imagem. Em seguida, foram coletados dados empíricos através da análise de documentos, como relatórios de mídia e obras de arte urbana, que serviram como expressões visuais do luto coletivo. Essa análise documental permitiu compreender as diferentes formas de manifestação do luto e as reações da sociedade após a morte de Marielle. Posteriormente, os dados teóricos e empíricos foram integrados para realizar uma análise comparativa, aplicando os conceitos de Butler (2015, 2020, 2022) e Rancière (2005, 2018) ao estudo de caso de Marielle Franco. Por fim, os resultados foram interpretados e discutidos à luz das teorias estudadas, destacando-se as implicações políticas do luto por Marielle Franco para o entendimento das relações de poder na sociedade atual.

## LUTO POLÍTICO

Butler (2020) desafia a concepção tradicional do luto como uma experiência estritamente pessoal, elevando-o a um ato político que transcende os limites do privado para se tornar uma ferramenta de questionamento das estruturas de poder estabelecidas. Ao ampliar a compreensão do luto como uma manifestação pública e coletiva, Butler abre espaço para uma reflexão mais profunda sobre como a dor da perda pode ser transformada em uma força de mobilização política.

“Muitas pessoas pensam que o luto é privado, que nos isola em uma situação solitária e é, nesse sentido, despoliticante. Acredito, no entanto, que o luto fornece um senso de comunidade política de ordem complexa, primeiramente ao trazer à tona laços relacionais que têm implicações para teorizar a dependência fundamental e a responsabilidade ética” (Butler, 2020. p. 43)

No contexto específico de Marielle Franco, ativista e defensora dos direitos humanos, sua morte brutal não apenas representou uma tragédia individual, mas também desencadeou uma onda de comoção e indignação que reverberou além das fronteiras do Rio de Janeiro, onde ocorreu o crime. O luto público por Marielle transcendeu barreiras geográficas e sociais, transformando-a em um símbolo de resistência contra a violência institucionalizada e a marginalização das comunidades periféricas.

A análise teórica de Butler (2020, 2022) encontra eco na prática observada no caso de Marielle, onde o luto se tornou uma plataforma para exigir justiça, reconhecimento e mudança. A iconoclastia contra grafites, placas de rua simbólicas e outras homenagens a Marielle não apenas representa uma tentativa de silenciar sua voz, mas também evidencia a ameaça que sua mensagem de resistência representa para as estruturas de poder estabelecidas. Ao negar o direito ao luto coletivo, os atos de vandalismo buscam minar a memória e o legado de Marielle como uma voz incômoda que desafia o status quo.

Butler (2022) analisa o trágico episódio de "Antígona", e sua perspectiva desempenha um papel crucial na compreensão da teoria do luto político no contexto de Marielle Franco. Antígona desafia a autoridade do rei Creonte ao enterrar seu irmão, Polinices, em contraposição às ordens do Estado. Essa ação de sepultamento torna-se um ato de resistência à injustiça estatal, ressaltando a importância de reivindicar o direito ao luto, mesmo em conflito com a oposição política. Antígona, ao reivindicar o seu legítimo direito de prestar honras ao falecido Polinices, lança, por analogia, um clamor pela sua própria busca por reconhecimento. Este desdobramento revela-se quando as cerimônias fúnebres direcionadas a Polinices assumem um papel de dupla transcendência: primeiro, ao superar a sua morte natural, indicando, desse modo, o limiar da jornada espiritual; e, em segundo plano, ao sobrepular a consciência intrínseca de Antígona. Ao confrontar os riscos que ameaçam a própria vida, Antígona incita a metamorfose da consciência comum para uma autopercepção mais profunda.

Na perspectiva hegeliana, a morte é concebida como o Absoluto, o ponto culminante onde a vida do espírito atinge sua realização máxima (RODRIGUES, 2020). No entanto, ao dialogar com essa concepção, Judith Butler (2020) introduz uma perspectiva inovadora, deslocando o foco da morte para o luto. Essa transição é especialmente evidente em sua interpretação de Antígona como um duplo paradigma. Butler (2022) questiona a igualdade no direito ao luto, exemplificado na proibição de Creonte ao enterro de Polinices, e destaca a punição imposta a Antígona por buscar reconhecer seus mortos. Nesse sentido, a filósofa propõe uma reflexão sobre a universalização do direito ao luto como uma prática política, transcendendo a hierarquia que determina quem pode ser enlutado. Essa distinção, conforme argumenta Butler, não apenas categoriza modos de vida como inteligíveis ou não, mas também estabelece uma fronteira entre humanos e “não-humanos”. Carla Rodrigues (2020) contribui para essa

discussão, indicando que o luto não é apenas um processo individual, mas um mecanismo para lidar com as perdas que moldam nossa existência. Essa relação entre vida e morte, segundo a leitura de Butler (2020, 2022) e Rodrigues (2020), exige uma concepção de vida como interdependente e uma compreensão da morte desvinculada da ideia de fim absoluto.

## **DESENTENDIMENTO**

A teoria de Jacques Rancière (2018), aplicada ao campo do luto por Marielle Franco, proporciona uma perspectiva que enfatiza a dimensão política inerente à experiência do pesar. A dicotomia rancièriana entre a ordem policial e a ordem igualitária destaca-se como um elemento crucial na compreensão do luto como um ato político. Rancière (2018) adverte sobre a imposição de normas predefinidas na sociedade, estas normas podem também visar regular a expressão da tristeza, e desafiar essa ordem policial no luto implica questionar as normas estabelecidas e os detentores do poder de ditar as formas legítimas de expressão do pesar.

Entretanto, no contexto do luto por Marielle Franco, emerge a iconoclastia, caracterizada por atos de vandalismo que visam destruir representações simbólicas. Essa forma de violência, frequentemente motivada por discordâncias ideológicas, desafia diretamente a expressão do luto e a busca por igualdade na manifestação coletiva da tristeza. A iconoclastia, ao atacar grafites e símbolos que homenageiam Marielle, procura impor uma ordem policial restritiva sobre como a memória da vereadora deve ser lembrada.

Contrastando essa abordagem, a teoria do luto político de Judith Butler (2020, 2022) oferece uma perspectiva que transcende a visão convencional do luto como uma experiência estritamente pessoal. Butler (2015) argumenta que o luto público é uma expressão política que confronta sistemas opressivos, deslocando o foco da morte para o luto. No contexto dos grafites de Marielle, a iconoclastia pode ser interpretada como uma tentativa de negar o direito ao luto coletivo, buscando silenciar e invisibilizar a figura de Marielle.

A resistência simbolizada por Marielle, ao analisarmos pela ótica de Butler (2022), não apenas persiste na memória coletiva, mas enfrenta desafios constantes que buscam impedir a continuidade do processo de luto político. A teoria de Butler (2015),

ao questionar "quando a vida é passível de luto?", ganha vida no caso de Marielle, cuja trajetória multifacetada e engajamento desafiam as hierarquias de valor. A morte de Marielle, portanto, transcende sua individualidade, transformando-se em um apelo coletivo por justiça e transformação.

Ao integrar esses pontos de vista contrastantes, a análise revela a complexidade das interações entre teoria e prática no entendimento das dinâmicas sociais e políticas em torno de figuras como Marielle Franco. A dicotomia rancièriana destaca o embate entre ordens, enquanto a teoria de luto político de Butler (2015, 2020, 2022) amplia a compreensão do luto como um ato político de resistência. Ambas as perspectivas contribuem para uma reflexão mais profunda sobre as nuances do luto político diante de desafios como a iconoclastia e sobre como a expressão do pesar se desdobra no cenário contemporâneo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao explorar a interseção entre luto e política através das teorias de Judith Butler (2015, 2020, 2022) e Jacques Rancière (2005, 2018), usando o caso de Marielle Franco como estudo de caso, destacam-se as dinâmicas sociais complexas relacionadas ao pesar por figuras públicas. O luto político, como proposto por Butler (2020, 2022), é um ato de resistência contra estruturas sociais opressivas, enquanto a teoria de Rancière (2018) enfatiza o desentendimento como essencial para o fenômeno político, delineando a dicotomia entre ordens policiais e igualitárias.

A morte de Marielle Franco se tornou um ponto focal para manifestar essas teorias na prática, transcendendo o âmbito privado para se tornar um fenômeno político. Sua resistência simbolizada enfrentou atos iconoclastas e violência simbólica, refletindo a luta entre diferentes ordens e a busca por justiça e reconhecimento.

Ao aplicar a teoria do luto político de Butler (2020, 2022) ao caso de Marielle, observamos como o pesar público se torna um ato político de resistência, dando voz às experiências coletivas de dor e sofrimento. A abordagem rancièriana destaca o desentendimento político e como diferentes visões de mundo colidem, evidenciado na iconoclastia contra representações simbólicas de Marielle.

O contraste entre as teorias oferece uma visão abrangente das complexidades do luto por Marielle Franco. A resistência à iconoclastia destaca a importância de reconhecer

a pluralidade de experiências de luto e questionar as normas predefinidas que regulam a expressão da tristeza. Essa análise contribui para uma compreensão mais ampla do luto como fenômeno político, permitindo um diálogo crítico entre duas teorias influentes na contemporaneidade.

## REFERÊNCIAS

- BUTLER, Judith. **A reivindicação de Antígona**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.
- \_\_\_\_\_. **Vida precária: os poderes do luto e da violência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- \_\_\_\_\_. **Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- RANCIÈRE, Jacques. **O Desentendimento: política e filosofia**. São Paulo: Editora 34, 2018.
- \_\_\_\_\_. **A partilha do sensível: estética e política**. São Paulo: Editora 34, 2005.
- RODRIGUES, Carla; VIEIRA, Tássia Áquila. A função política do luto por Marielle Franco. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, v. 6, n. 2, p. 134-150, 2020.